

As múltiplas vozes do deslocamento

The multiple voices of displacement

Bárbara Chaves Cardoso
Universidade Federal Fluminense (UFF)
barbarachaves4@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-6300-4594>

RESENHA

GOMES, Aida. *Os pretos de Pousaflores*. 1. ed. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.

A obra *Os pretos de Pousaflores*, da escritora Aida Gomes, tensiona múltiplas questões que concernem ao fim do poder imperial português sob as colônias do continente africano. Primeiramente publicado em 2011, pela editora Dom Quixote em Portugal, a obra chega ao Brasil em novembro de 2023 pela editora Funilaria, com alguns acréscimos editoriais, como um prefácio da escritora angolana Ana Paula Tavares e a nomeação de capítulos, antes não nomeados. O romance em pauta aborda a imigração de uma família miscigenada, habitante de Angola, para Portugal em consequência dos processos de descolonização angolana, e as diferentes experiências de seus integrantes diante da necessidade de adaptação a uma nova realidade, uma nova cultura, enfrentando também processos como o racismo, a misoginia, o sofrimento diante do desterro e a violência colonial que permanece cercando determinadas figuras nesses espaços.

Aida Gomes, nascida em Angola e migrada para Portugal aos oito anos de idade, parece evocar alguns elementos autobiográficos para tecer essa narrativa ficcional polifônica de deslocamento, abarcando variadas temáticas e pontos de vista sobre o recorte temporal escolhido, buscando uma alternativa à história única e oficial que foi determinada sobre o assunto. A obra em questão integra um projeto literário que cria um certo contraste com a chamada literatura dos retornados, preocupada em trazer a narrativas dos portugueses habitantes das colônias que retornam à Europa por conta da independência das colônias. Ana Paula Tavares, no prefácio, estabelece que “Este não é

um livro sobre o movimento de regresso dos portugueses em fuga no tempo da independência das colônias. É um livro sobre deslocamento e exílio e que rompe com o silêncio de todas as vozes envolvidas” (2023, p. 12). Divergindo os caminhos, Aida Gomes, assim como Djaimilia Pereira de Almeida em *Esse Cabelo* (2022) e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), Yara Monteiro em *Essa dama bate bué!* (2021), e Kalaf Epalanga em *Também os brancos sabem dançar* (2018), preocupam-se em trazer especialmente a perspectiva do imigrante africano que é negro e que tem uma recepção diferente na Europa da que é dada aos chamados retornados.

O enredo se desenvolve a partir desta viagem na vigência da independência de Angola, em que Silvério, português habitante do país africano há décadas, percebe a necessidade de retornar ao seu país de nascença quando seu vizinho, também português, é morto em decorrência dos conflitos que os rodeiam. Em seu retorno, o patriarca da família Prata decide levar consigo seus três filhos angolanos mestiços, Justino, Belmira e Ercília, fruto de três relacionamentos com mulheres angolanas diferentes. As crianças, nunca tendo pisado no continente europeu, deverão se adaptar à nova vida na pequena aldeia de Pousaflores, habitada por portugueses conservadores que não têm boas impressões sobre os “pretos da Guiné” que chegam naquele momento. Concomitantemente a este relato, há também a história de Deodata, mulher angola e mãe de Ercília que, como parceira de Silvério, morava com a família até este ponto da história, mas é deixada para trás por seu amante português, em pleno território de guerra, e decide fazer por si mesma a viagem até a família em Portugal, mais especificamente até sua filha Ercília, desejando se reunir com a menina de quem é separada quando é ainda muito pequena. Além destes, acompanha-se também a narrativa de Marcolina, irmã de Silvério que nunca deixou a casa de seus pais em Pousaflores, e neste momento, uma senhora viúva, extremamente conservadora e religiosa, precisa abrir as portas da casa à contragosto para seu irmão e seus sobrinhos vindo de África.

A obra de Aida Gomes divide-se em quatro partes, com capítulos que se revezam sob a narração de sete personagens. Entre eles, há os integrantes da família Prata que fazem o trajeto migratório para Portugal, e ainda, Deodata, que percorre seu próprio trajeto para Portugal, além de Tia Marcolina, que narra suas impressões sobre receber o irmão do qual se ressentia e os sobrinhos, cuja opinião sobre baseia-se numa visão racista. A estratégia de dar a cada personagem espaço para sua própria narração merece destaque,

na medida em que dá ao leitor acesso aos pensamentos de diferentes ângulos da imigração. Doris Wieser (2021) percebe que a polifonia do romance, produzida através de longos monólogos internos, parece manifestar mundos particulares onde vive cada personagem. Dessa forma, a obra oferece diferentes perspectivas da situação do fim da colonização de forma complexa. É interessante ressaltar também a característica modificada na passagem da edição original portuguesa para a brasileira, no sentido de que na primeira os capítulos não eram nomeados, e a experiência de leitura envolvia um certo mergulho nas vozes narrativas de cada capítulo, construídas bem diferentemente entre si, para que fosse identificado qual personagem o narra. Já a edição brasileira conta com a identificação do narrador logo no início de cada capítulo.

Enquanto a narrativa de Silvério se aproxima da literatura dos retornados que se sentem desterrados no processo de retorno à Portugal após construírem uma vida no continente africano, as narrativas de seus filhos percorrem o caminho dos afrodiáspóricos, visto que são crianças negras retiradas do contexto em que nasceram para precisarem crescer em um ambiente hostil e racista que não os recebe de bom grado. Notoriamente, a trajetória de Deodata contada pela personagem possui também uma dimensão profunda, ao apresentar o relato de uma mulher negra angolana enfrentando a violência de uma guerra civil que se inicia, ressaltando inclusive o seu espaço dúbio diante de outros angolanos por conta da sua relação com um português, e ainda, o percurso difícil que toma para chegar ao continente europeu como uma imigrante e refugiada de guerra. No entendimento de Maria Luísa Leal (2019), a polifonia narrativa da obra constitui um exemplo de pensamento epistêmico do Sul, no qual se busca “reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo”, instituindo uma “ecologia de saberes” (Santos; Meneses, 2010, p. 12-13, *apud* Leal, 2019).

A característica mais chamativa de *Os pretos de Pousaflores* certamente refere-se à questão do não-pertencimento dos imigrantes africanos em Portugal. As três crianças da família, cada uma a seu modo, apesar de carregarem em si a cultura portuguesa como herança paterna e do processo de assimilação, quando chegam no país lusitano, não conseguem ser reconhecidos como parte daquela sociedade lusitana. Uma cena emblemática deste momento é a chegada da família a Portugal. No aeroporto, a caçula, Ercília, se perde brevemente de sua família e se vê encurralada contra um cartaz de “Bem-

Vindo a Portugal” pelos empurrões dos passageiros retornados no seu voo. A irônica paralelidade entre a violência dos empurrões e o cartaz supostamente receptivo já parece indicar o tom no qual se dará a socialização destas crianças no novo país.

Empurram-me contra o cartaz da parede. Letras azuis e brancas, Bem-Vindos a Portugal. Aperto as asas do saco de plástico nos dedos. Avalanche de vozes nos corredores. Portas de vidro e metal cinzento. O altifalante quer que o senhor Silva compareça ao balcão. Não vejo o pai. Nem o Justino. Nem a Belmira. Sumiram-se. Nuvens cinzentas nas portas de vidro (Gomes, 2023, p. 32).

Outro elemento de grande relevância na obra é a figuração do corpo negro feminino e seu tratamento dentro de uma sociedade ainda regida pelos postulados coloniais. As trajetórias das filhas de Silvério, Belmira e Ercília se desenrolam de maneira complexa e melancólica ao iniciarem a obra como “Pretas da Guiné”, estrangeiras em uma terra de brancos, e a terminam vistas pela sociedade através da ótica da mulata, disponível e sexual para o colonizador branco. Gomes retrata uma realidade cruel europeia que desintegra os sonhos de jovens meninas negras. Belmira, por exemplo, deriva do seu gosto pela escrita o desejo de ser uma poeta como Florbela Espanca. A personagem, no entanto, não consegue escapar das armadilhas daquele sistema que necessita do racismo, pois encontra-se construído na invisibilização, na exploração e na expropriação (Vergès, 2020, p. 92). Ao invés de tornar-se uma escritora reconhecida no contexto literário português, Belmira torna-se uma adulta amargurada após sofrer com o trauma, a violência e a objetificação sexual. Mesmo filha de um português e plenamente inserida nos costumes e na cultura portuguesa, a personagem não deixa de integrar a dolorosa máquina colonial. Isso fica evidenciado pela relação que Belmira já adulta mantém com um cliente no período em que trabalha como prostituta em que a mesma narra: “O coronel passou muitos anos em África e às vezes tem saudades de berrar alto e espancar pretos, é por isso que gosta tanto de mim” (Gomes, 2023, p. 281).”

Um tema discutido na obra de Aida Gomes que também merece atenção é a desconstrução da imagem de Portugal no fim do século XX, produzida principalmente pelas narrativas de Justino e Marcolina, mas também apontadas por outros personagens. Justino, primogênito dos Prata, um jovem muito crítico ao regime colonial e à Portugal, traz uma visão do país em que desembarca que se contrasta à difundida pela propaganda do governo salazarista. Ao contrário da metrópole economicamente próspera e da nação

multicultural e multirracial, o país que emerge do texto de Gomes desconstrói mitos lusotropicalistas e aponta o atraso econômico visível das ruas de Lisboa até o interior, em Pousaflores. Justino reconhece que estão “lixados” ao analisar a casa velha da tia, com as dobradiças enferrujadas do banheiro numa casa de pedra e a falta de marcas específicas de produtos. As ruas desertas, janelas cerradas, as vestimentas simples também chamam a atenção do personagem, que constantemente compara Portugal à Angola, onde ele observava uma urbanização muito mais crescente. É explícito também, pela construção narrativa de tia Marcolina, a retratação de uma sociedade portuguesa conservadora, religiosa e racista, que é, naquele momento, de maioria em déficit na educação formal e pobre em consequência das medidas econômicas perpetradas pelo salazarismo. Marcolina, analfabeta, que mistura o catolicismo e a astrologia em uma mesma sentença, ainda faz constantes apontamentos negativos acerca dos sobrinhos, que lhe dá desgosto por serem os únicos herdeiros da sua família de pele escura e cabelo crespo.

Sumariamente, Aida Gomes reúne memórias familiares de um processo doloroso e as traduz de maneira a denunciar uma realidade por vezes ignorada por muitos. Pouco comentado à época de sua publicação, 13 anos atrás, sua republicação em um novo momento e com um público no outro lado do Atlântico permite uma nova possibilidade de apreciação desta obra que poderia estar entre as precursoras da temática do retorno e do trânsito pós-25 de abril como um braço das literaturas contemporâneas luso-africanas. Ao recuperar tantas vozes integrantes desse processo de deslocamento pós-descolonização, a leitura se faz relevante ao dar espaço para a memória de imigrantes, mulheres negras, africanos na Europa, colonizados na terra do colonizador, se realizar no espaço textual de maneira que os grupos antes silenciados não permaneçam neste lugar de obscuridade.

REFERÊNCIAS

- GOMES, Aida. *Os Pretos de Pousaflores*. Alfragide: Dom Quixote, 2011.
- GOMES, Aida. *Os pretos de Pousaflores*. 1. ed. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.
- LEAL, Maria Luísa. Escritas literárias de uma deslocação histórica o “retorno”. *Revista do CESP*, Belo Horizonte, v. 39, n. 61, p. 87-99, 2019.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020

WIESER, Doris. “The Frizzy Hair of the Retornados: “Race” and Gender in Literature on Mixed-Race Identities in Portugal”. In: Peralta, Elsa (org.): *The Retornados from the Portuguese Colonies in Africa Memory, Narrative, and History*. London: Routledge, pp. 150-170. 2021

Recebido em: 26/02/2024

Aceito em: 06/04/2024

Bárbara Chaves Cardoso: Mestranda em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), com pesquisa financiada por bolsa CAPES. Possui graduação em Letras - Português pela Universidade Federal Fluminense (2020). Atualmente se aprofunda na área de literaturas de língua portuguesa, principalmente nos temas da diáspora, da identidade e do pós-colonialismo.